

CAMÕES, O RENASCIMENTO E OS LUSÍADAS

Juliana Oliveira dos Santos (UERJ e UFF)
juolsa@yahoo.com.br

Luiz Vaz de Camões é um dos maiores poetas de língua portuguesa e um dos maiores da humanidade. É comparado a Virgílio, Dante, Cervantes e Shakespeare. Não é possível dizer quando nasceu nem onde nasceu, por que até os dias de hoje existem especulações não comprovadas quanto a seu nascimento. De família galega viveu em Chaves, Coimbra e Lisboa, localidades que reivindicam seu nascimento.

Sua genealogia é constituída por seu pai Simão Vaz de Camões e sua mãe Ana de Sá e Macedo. Por via paterna, Camões seria trineto do trovador galego Vasco Pires de Camões, e por via materna, aparentado com o navegador Vasco da Gama.

Em Goa ele fez parte de expedições do vice-rei D. Afonso Noronha contra o rei de Chembe, conhecido como o rei da pimenta, ali ele estudou os costumes cristãos e hindus. Tomou parte em mais expedições militares. Entre Fevereiro e Novembro de 1554 integrou a Armada de D. Fernando de Meneses, constituída por mais de 1000 homens e 30 embarcações, ao Golfo Pérsico. No regresso foi nomeado "provedor-mor dos defuntos nas partes da China" pelo Governador Francisco Barreto, para quem escreveu o "Auto do Filodemo".

Regressou a Goa antes de Agosto de 1560 e pediu a protecção do Vice-rei D. Constantino de Bragança num longo poema em oitavas. Aprisionado por dívidas, dirigiu súplicas em verso ao novo Vice-rei, D. Francisco Coutinho, conde do Redondo, para ser liberto.

Ao regressar ao reino, em 1568 fez escala na ilha de Moçambique, onde, passados dois anos, Diogo do Couto o encontrou, como relata na sua obra, acrescentando que o poeta estava a mingua e vivia graças a ajuda dos amigos. Trabalhava então na revisão de *Os Lusíadas* e na composição do *Paranaso lusitano*, que uniu poesia lírica, filosofia e outras ciências. Diogo do Couto pagou sua viagem até Lisboa, onde Camões aportou em 1570.

Faleceu numa casa de Santana, em Lisboa, sendo enterrado numa campa rasa numa das igrejas das proximidades. Os seus restos encontram-se atualmente no Mosteiro dos Jerónimos.

Todas as suas participações em viagens para batalhas, expedições e outros. Transformaram-no em um conhecedor das necessidades e sentimentos dos lusitanos, que participaram das navegações. Dizem as fábulas e o próprio autor no último canto, que uma dentre as suas grandes proesas foi salvar os manuscritos da obra *Os Lusíadas*, obra que foi vítima “de um naufrágio”, pois como foi nomeado provedor-mor seus compatriotas o acusaram de roubo, e ele teve de ir responder a acusação em outra cidade. A nau em que Camões se encontrava naufragou e ele saltou dela com o manuscrito nos braços, estava próximo a Costa de Camboja, nas redondezas do Rio Mecom, algumas páginas se perderam mas foram reescritas pelo autor, que realizou extremo esforço ao salvar o manuscrito.

O manuscrito *D'os Lusíadas* rendeu a Camões a garantia de não precisar mais depender apenas da caridade dos amigos para se manter, pois após a publicação da obra D. Sebastião concede ao poeta uma tença trienal de quinze mil réis, por sua participação nas Índias e sua contribuição com a obra. Contudo esta tença correspondia a quarenta réis diários, um carpinteiro recebia cento e sessenta réis por dia, logo apesar desta tença o poeta continua até o fim de seus dias passando por privações.

BREVE INTRODUÇÃO A OBRA

A obra *Os Lusíadas* distingue-se como a grande epopéia do Renascimento. O nome de Luís de Camões imortalizou-se graças à escritura deste texto, que se constitui por dez Cantos, em sua maioria com mais de cem estrofes cada. Escrita há tanto tempo, é uma obra com muita poesia, que continua a surpreender e emocionar os leitores que se arrisgam a penetrar em suas páginas, aventurando-se por uma língua e narrativa que remetem a tempos pretéritos.

Focaliza as grandes realizações portuguesas durante o período da expansão marítima, em especial a viagem de Vasco da Gama, consagrando o ideal de “por mares nunca de antes navegados”, além de narrar alguns momentos das batalhas ocorridas na luta pela cons-

trução da pátria portuguesa. Durante a narrativa desenvolve-se uma trajetória floreada com seres mitológicos, descrições paisagísticas, riqueza informativa e a visão de um povo português heróico e destemido.

Considerando-se que a voz narradora contraria os padrões clássicos de uma epopéia, nos padrões clássicos o narrador deveria manter-se fora da narrativa como um narrador heterodiegético. Mas ele se manifesta como um narrador onisciente e onipresente e exprime na obra: valores, sentimentos e sua visão de mundo através de um discurso ideológico.

As inovações realizadas pelo autor demonstram sua característica ímpar: agrupar seus conhecimentos e recriá-los. Os recursos utilizados beberam de diversas fontes, algumas destas fontes presentes e discriminadas na obra *Os Lusíadas*, são as epopéias clássicas Odisséia e Ilíada. Todavia não reproduziu uma cópia aos padrões clássicos, apenas realizou certa evocação para retomar as características de personagens já imortalizados, para compará-los aos portugueses alegando inferioridade nos heróis clássicos em relação aos lusitanos:

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei tal serviço
Um Egas e um Dom Fuas que de Homero
A citara par' eles só cobiço.
Pois pólos Doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.
Dou-vos também ilustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama. (Canto I, est.12)

A obra pode ser desmembrada em discurso ideológico, discurso referencial e mítico, e história. O discurso ideológico abarca pensamentos e comentários do Poeta, geralmente impregnados da ideologia vigente à época, e expressando a visão pessoal do escritor. O discurso referencial tem como foco a viagem portuguesa para as Índias, onde aparece a interferência dos deuses, que auxiliam e dificultam a navegação, caracterizando o discurso mítico. A História que tem como foco particular, os acontecimentos portugueses e as influências renascentistas.

A LINGUAGEM INOVADORA DA OBRA

As obras valorizadas no período literário de Camões eram grafadas em latim, o que as mantinha presas a Igreja Católica, pois o povo e uma parte dos “ricos” não possuíam conhecimentos em latim. Então o autor constrói uma obra em língua portuguesa em detrimento do latim. O que além da descentralização abre duas possibilidades: o acesso para o português que soubesse ler, ao conhecimento das grandes realizações portuguesas e aos seus grandes heróis; e também a inovações na língua portuguesa.

Camões criou uma valorização da língua portuguesa, o que segundo Afrânio de Mattos (1974), deu-se devido aos conhecimentos que ele acumulou através de suas pesquisas em diversas obras contemporâneas. Obras escritas por cronistas, historiadores, eruditos e mestres da língua que o precederam. Bebendo destas fontes transformou a obra em um “monumento nacional”, pois para seu período constituiu uma importante “conquista”, visto que, as representações através das inovações camonianas, repercutiram em particularidades fonéticas, gramaticais, ortográficas e métricas.

CANTO DÉCIMO

As pesquisas se restringem ao canto décimo, último da obra, para uma análise mais detalhada de como se manifestou a visão crítica camoniana, através da linguagem, de seus narradores e das características dos seus personagens. Observando as influências de correntes renascentistas e características ímpares construídas em sua epopéia.

Assim como em uma peça teatral ou em um filme é possível observar que cada canto da obra se une por fios lógicos e narrativos, porém estes cantos podem ser analisados como partes de um único quadro em formato de “quebra-cabeça”. Estas partes não necessitam obrigatoriamente umas das outras, o que torna possível ver partes do quadro até montá-lo completamente. Desta forma destaca-se uma das partes que constitui este quadro composto em várias partes.

Na parte do “quebra-cabeça” presente no canto décimo da epopéia *Os Lusíadas*, Camões proporciona a oportunidade de uma

leitura empolgante, fascinante e crítica. Basta lê-lo para ser convidado a observar a paisagem presente em sua composição; a voz crítica presente do narrador e por de trás do mundo mitológico; a reivindicação de justiça aos seus reis; o amor e a exaltação ao povo lusitano e as raízes que o envolvem. De acordo com Umberto Eco “o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional que Coleridge chamou de ‘suspensão da descrença’”. (1994, p. 81) Com base em Eco depreende-se que o leitor aceita o acordo sobre a “suspensão da descrença” envolvendo-se em um mundo fantasioso e ilustre, como nos bosques descritos por Eco passíveis de todas as mudanças, onde as escolhas são feitas pelo leitor. (Eco, 1994, p. 81).

Assim sendo, pode-se observar através da descrição do mar, do céu e da terra vistos como riquezas, por meio de uma envolvente relação entre estes elementos como é possível que o leitor realize suas escolhas ao aceitar na composição de um dos cenários, presentes no canto décimo, a graciosidade, a beleza e a leveza por detrás de uma descrição ilustrada com poesia e fantasia paisagística. Estas relações descritas agraciam a mente com as cores, as aves e um céu ensolarado em “De vária cor que pinta o roxo fruto; As aves variadas, que ali saltam”. (Canto X, est. 133, v. 2-3)¹. Transportando o leitor a uma viagem pelo que é belo retirando-o de uma visão apenas de realidade cotidiana. Logo, ele encanta seu leitor com um “banquete” para uma cena de algo tão constante ao cotidiano.

Como o autor não tem um compromisso com o real e sim com aquilo que seu leitor aceita como real, Camões não tem a obrigatoriedade de se prender ao real para ilustrar e convencer através de sua obra, mesmo ela entrando para o “hall” das epopéias.

Entretanto, não se pode negar a influência da realidade histórica, na obra de Camões, principalmente no canto décimo. Das muitas influências que recebeu o autor a mais evidente está nos pensamentos das correntes renascentistas, pois estas propunham um “rompimento” com o período denominado pela História como Idade Média ou Idade das Trevas, já que o homem medieval era centrado

¹ Sempre que houver uma referência a Canto X, fará referência a obra Os Lusíadas de Camões e a sigla est. refere-se ao número da estância de onde o trecho foi retirado.

apenas no “Theos”² o que o mantinha apenas sob o jugo e poder da Igreja. Ao passo que o homem descrito por Camões é criativo, questionador, científico, batalha pelo poder e está pautado no antropocentrismo da espécie humana, pois este é o que acredita em seu próprio valor e força interior.

Devido às características renascentistas encontradas na obra, Cleonice Berardinelli define como uma obra de novos tempos conflitantes: “*Os Lusíadas* a epopéia de novos tempos, tempos contraditórios. Alimentado de tais contradições o poema adquire modernidade e se afirma como a única epopéia representativa do Renascimento europeu.” (1973, p. 29).

O homem renascentista descrito então pelo poeta possui uma grandeza espiritual que não provém de sua ligação apenas com o divino, provém de sua força interior e de como enfrenta suas batalhas. Batalhas que para este homem renascentista e lusitano, são apenas dificuldades que este enfrenta com “Esforço, força, ardil e coração.” (Canto X, est. 20, v.8).

Ademais, o homem antropocêntrico buscava também obter reconhecimento e lucros advindos do seu esforço virtuoso, e com a expansão mercantilista e a defesa dos interesses de sua pátria, ele necessitava possuir as características de um homem que não esperava apenas a ajuda divina, mas que buscava seus interesses e durante sua busca receberia a ajuda divina.

Contudo as influências renascentistas não estão presentes apenas no ideal de homem mais também na descentralização do poder da Igreja Católica, o que engloba a descentralização do conhecimento, a propagação de grandes realizações e de valores que estão além de uma ideologia teocêntrica.

² Theos se refere a Deus e sua magnificência e os homens não agiam pois esperavam que as coisas acontecessem devido o querer de Deus.

O MUNDO MITOLÓGICO COMO COLABORADOR E NÃO COMO INCISÃO AO PAGANISMO

As personalidades portuguesas e os acontecimentos não são o único fio “entrelaçador” do canto décimo, pois além dos reis, dos heróis, das personalidades cristãs, do narrador, faz-se presente um mundo mitológico.

Por meio do mundo mitológico, presente em toda a obra, é possível caracterizar não apenas Vasco da Gama, o narrador e os heróis como personagens fundamentais para a transcrição dos acontecimentos. Mas também os personagens mitológicos, estes se destacam como fundamentais para a construção do enredo e para o desenvolvimento do poema. Os personagens mitológicos exercem interferências diretas no destino dos lusitanos. O que segundo Antônio José Saraiva (1972), estabelece os deuses não apenas como personagens figurantes, mas sim, como seres que se atam e desatam, dentro da própria fábula do poema, configurando uma ligação fundamental entre a obra e a presença destes deuses.

O fio tecedor presente entre os deuses e os lusitanos está presente em vários pontos da obra como no canto segundo, com maior clareza durante as estâncias décima nona à vigésima sexta. Em que o escritor descreve o esforço de Vênus para evitar a destruição dos lusitanos, e esta sabendo que não conseguiria ajudá-los sozinha convoca as nereidas para colaborarem na defesa dos portugueses. Impedindo que os navegantes atracassem na praia, local onde os mouros os aguardavam com armadilhas para destroçá-los.

No canto décimo existem evidências mais sutis, da batalha travada entre os deuses mitológicos em prol dos lusitanos. Elas podem ser observadas durante o desenvolvimento do canto nas cenas do banquete; da profecia da deusa quanto às viagens dos portugueses; no “empréstimo” dá voz narrativa à deusa para criticar o rei e se compadecer dos portugueses abandonados exaltando-os.

Entretanto, Camões não pode ser caracterizado como politeísta, pois este descreve no canto décimo que a importância ocupada pelos deuses em sua obra é meramente ilustrativa, porque considera lícita a utilização desses deuses, já antes descritos pelos gregos e romanos em outras obras clássicas, e complementa que

utiliza os deuses mitológicos em um sentido cristão. Na estância octogésima quarta do canto décimo, reflete o sentido em que se utiliza dos deuses, esta concepção dá-se através do substantivo “Deuses”, que simboliza o sentido dado pela sagrada escritura que chamara os anjos impropriamente de deuses, e/ou a nomenclatura que também se aplica com o sentido de espíritos maus. Assim o autor, se utiliza dos seres mitológicos para demonstrar uma luta entre o bem e o mal, para atraparhar e auxiliar as conquistas portuguesas:

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Dar-lhe nomes que a antiga poesia
A seus deuses já dera, fabulando;
Que os anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando,
Nem se nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente. (Canto X, est.84)

Conforme já descrito o poeta rompe com um dos padrões que é o de se fazer presente como narrador-personagem no canto décimo e na obra. Contudo, o narrador não se utiliza somente de sua descrição durante a narrativa, pois a mesma é descrita com trocas de narrador que são os seus personagens, porque ao longo do desenvolvimento da obra os personagens ganham voz. A voz destes personagens é demonstrada através de discurso direto e narração realizada por seus “personagens colaboradores”.

No canto décimo um de seus importantes personagens colaboradores é a deusa Calíope, retomando o sentido dado pelos gregos é a musa da inspiração épica. Que funciona como personagem colaboradora, porque empresta sua “voz” para que o autor tenha maior autonomia, em narrar os acontecimentos que lhe causam descontentamento. Utilizando-se assim da fala da deusa para demonstrar a sua própria opinião crítica, com isso, é possível dizer que mesmo alternando com os personagens narradores ou “personagens colaboradores”, não existe uma visão fragmentada dos fatos, pois as opiniões e críticas são as de Camões por trás destes personagens.

O descontentamento pelo que será narrado está presente no canto décimo, estância oitava, onde o narrador evoca a participação da deusa Calíope, em: “O gosto de escrever que vou perdendo”(v.8),

o desânimo, sentido pelo narrador demonstra sua falta de orgulho ou empolgação para continuar a narrativa de uma parte não tão gloriosa da história portuguesa. O que concorda com a definição dada por Cleonice Berardinelli (1973) sobre narradores-personagens “porquanto o narrador principal os utiliza como artifícios, disfarçando-se por trás deles: é a sua própria visão que se acentua, sem se alargar.” (1973, p. 16).

JUSTIÇA E VALOR

A continuidade no empréstimo realizado através da voz da deusa Calíope, presente nas estâncias vigésima segunda e vigésima quinta do canto décimo, demonstra a reprovação do poeta quanto à atitude do rei para com seus heróis, porque para o autor o rei se esconde por de trás dos “muros” que são constituídos pelos seus vassalos, fiéis colaboradores que terminam abandonados a míngua como o descrito ocorrido com Dom Duarte. E ainda, reproduz a reclamação quanto ao abandono vivido pelos heróicos portugueses devido à falta de justiça do monarca, que representaram e não reconheceu o grande valor que possuíam “O grande esforço mal agardecido” (Canto X, est. 22, v. 4)

A justiça que o poeta descreve no canto décimo é a busca pelo reconhecimento da coragem e bravura dos que representavam a pátria portuguesa e foram por ela esquecidos. Partindo-se desta premissa é possível inferir através dos escritos camonianos nesta obra que o rei deixou de pagar as devidas recompensas e honrarias, aos que agiram com bravura e consagraram sua pátria.

As virtudes que deveriam ser julgadas pelo rei com imparcialidade, foram trocadas por relações de interesse e poder em que a valorização e os pagamentos se fizeram através de trocas, que não beneficiaram aqueles que realmente eram mercedores por enfrentaram as batalhas pelo rei e pela pátria portuguesa, em condições degradantes.

Michel Foucault diz que todo poder é baseado em uma rede: “Quando digo poder não se trata de detectar uma instância que estenda a sua rede de maneira fatal, uma rede cerrada sobre os indivíduos. O poder é uma relação, não é uma coisa”. (1981, apud

Dosse, 2001, p. 223). No Canto décimo esta rede pode ser identificada, após a perda da sucessão legal de Dom Henrique de Meneses, por Pero Mascarenhas que estava em batalha pela coroa portuguesa e teve seus direitos negados.

E ainda na estância quinquagésima, o narrador e os deuses prometem a fama eterna a Pero, pois se compadece com seu sofrimento, e lhe reconhecem o valor. O que marca de forma clara, uma dentre as formas de desrespeito do rei para com o mérito, a imparcialidade e equidade de julgar e as divisões das riquezas. Pois além de perder a sua sucessão ou receber o que lhe era de direito, Pero condenado a prisão por querer reivindicar o que lhe pertencia e foi entregue a outro que, até aquele momento, não havia trabalhado valorosamente como ele:

Mas, depois que as estrelas o chamarem,
Socederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroadas,
Que de fortuna justa acompanhado. (Canto X, est.56)

Em excertos publicados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com base na obra “O Príncipe de Nicolau Maquiavel”, é possível recuperar um pouco do sentimento do súdito em relação à idéia de reconhecimento e valor para o rei. Neste fragmento o sentimento é representado na figura de um plebeu que intenciona agradar seu rei de diversas formas, porém a única que ele aprendeu que é importante, é a de fazer parte ou tomar conhecimento nos atos dos grandes homens, pois sabia que só assim poderia ser considerado possuidor de algum valor:

Não encontrei coisa alguma que considere suficientemente cara ou que estime tanto quanto o conhecimento dos atos dos grandes homens, o qual apreendi na extensa experiência da realidade atual e na lição ensinada pela antiga. (UFRG, p. 5)

Todavia, essa busca dos súditos portugueses por glória e poder, é narrada pelo poeta como algo que não aconteceu efetivamente entre o rei e o povo, porque as recompensas e glórias advindas por meio de merecimento não foram recebidas pelos súditos leais, durante os governos narrados no canto décimo. O poeta

retrata as recompensas dadas pelo rei, a seus súditos valorosos que apesar de abrirem mão de suas vidas e saberem que poderiam não retornar vivos, ao regressarem a sua pátria não conseguiram o prestígio, o dinheiro e o poder que almejavam.

Na estância vigésima terceira presente no canto décimo, é demonstrado o pagamento que os merecedores de honrarias receberam do monarca por não estarem dentro das “relações de poder”. Porque nesta estância é demonstrado o pagamento recebido por Duarte Pacheco, que passou seus últimos dias sem reconhecimento e abandonado em um leito de hospital:

Aqui tens companheiro, *assi* nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A *baxo* estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade. (Canto X, est.23)

Uma dicotomia na obra camonianiana se forma a partir dos conceitos de justiça e valor, pois segundo Martim Albuquerque (1988) existe uma contraposição entre governantes e governados, nos versos da obra. Em que o vocábulo rei na maioria dos verbos que o representam é sujeito passivo das ações, o vocábulo gente (lusitanos) é empregado em sentido contrário como sujeito ativo da ação. Logo Camões demonstra seu posicionamento e a favor de quem está através de suas marcas verbais, o que possivelmente na época passaria despercebido aos olhos do rei.

O autor demonstra questionamentos e uma falta de compreensão quanto ao tratamento dado pelo rei, para com sua gente lusitana, no canto décimo, estância centésima quadragésima sexta, em que declara não saber o porquê da falta de orgulho do rei para com sua gente excelente, que se destaca perante outros reinos:

E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de *contino*
A ter *pera* trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes. (Canto X, est. 146)

Esta falta de norteamento perante as atitudes tomadas pelo rei reflete em conselhos de Camões. Durante a estância centésima quinquagésima terceira presente no canto décimo, em que orienta o rei a buscar a sensatez, a experiência e a justiça em seus conselheiros, e que dentre os conselheiros deve haver alguém que possua experiência nas navegações e em batalhas por ser bravo e corajoso em detrimento do conhecimento que se aprende apenas nos livros. Nesta instância o autor realiza ataques diretos ao rei e a sua forma de governo e critica ainda homens que são muito sábios, porém sua sapiência só se adquiriu através da leitura, pois lhes faltou a vivência: “Sonhando, imaginado ou estudando, Senão vendo, tratando e pelejando.” (Canto X, est. 153,v.7-8)

A falta de prudência, humanidade e equidade descrita para com sua gente lusitana, o poeta realiza conselhos para com o rei dizendo-lhe que assim como seu povo, ele não deve temer as retaliações dos poderosos ou da Igreja. Muito menos se exceder em confiança para a regência em seu governo, pois desta forma se tornará menos imprudente ao julgar. Estes conselhos podem ser encontrados também em mais um fragmento dos excertos da obra “O Príncipe de Nicolau Maquiável” realizado pela UFRGS: “Desse modo, o príncipe não deve ser crédulo nem precipitado, nem atemorizar-se, e sim proceder com equilíbrio, prudência e humanidade, para que o excesso de confiança não o torne incauto, nem a desconfiança excessiva o faça intolerável.” (p. 12)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas observadas no canto décimo tornam possível extrair informações importantes sobre o contexto social português e a perspectiva de Camões diante do “mundo que lia”. Estas informações são: a valorização da brava gente lusitana; as influências renascentistas; a busca pela inovação e valorização da língua portuguesa; as relações entre governados e governantes; as privações que sofreram os que lutaram em prol da pátria. Que foram ilustradas com criatividade e grandiosidade através do mundo mitológico.

Uma das visões interessantes do poeta encontra-se na estância centésima quinquagésima quarta, pois nela se faz presente de forma clara registros interessantes para a visão de Camões na obra. Esta instância se refere ao próprio poeta Camões e a visão que ele construiu para sua imagem. Uma visão de humildade e experiência que induz sutilmente ao pensamento de que o autor deve ser ouvido. Afinal, ele está credenciado a pedir maior equidade de julgamento do rei para com seus subordinados, visto que, experimentou o conhecimento através do que vivenciou em prol da expansão mercantilista portuguesa e ainda do que conheceu por meio dos livros. A experiência adquirida nos livros influenciou no caráter ímpar da obra, pois incentivou a inovação na estrutura composicional da epopéia lusitana e das celebrações com maior esplendor sobre este povo:

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo.
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, com tudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente. (Canto X. est.154)

Ademais, a obra que recriou, contou, exaltou, inovou e criticou; transformou-se em uma epopéia com a grandiosidade d’Os Lusíadas, e no canto décimo o último da obra pode-se observar que Camões não era apenas um poeta apto a formular uma obra nos moldes de uma epopéia, mas sim, um poeta que se tornaria imortal em conjunto com sua obra, pois remodelaria os moldes previamente instituídos. E por meio de uma visão mais ampla do mundo questionado pelos ideais renascentistas, deixou um presente que ainda tem muito a dizer, através da história e de outros fatores como a linguagem.

Ainda é possível depreender que a partir da vida difícil que Camões viveu dependendo do auxílio financeiro de seus amigos, talvez ele estivesse se caracterizado nos personagens que morreram a míngua, que foram abandonados, que tiveram pagamentos “esquecidos”. Por que não dizer que a partir de toda a crítica exposta pelo autor, estava tentando ser lembrado e buscando receber um melhor pagamento pelos seus serviços. Sabendo-se que o autor após

a publicação da obra passou a receber um pagamento, seria possível dizer que o poeta conseguiu fazer-se ouvido, entretanto, o valor que recebia como pagamento era menos que um terço do que outros recebiam, o que mantinha o grandioso e eterno escritor como um homem pobre e necessitado do auxílio dos amigos. Comprovando que todo o discurso ideológico e enriquecedor formulado por Camões, não conseguiu aflorar e suscitar o que tanto esperava que era a pagamentos e honrarias com justiça e o valor.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Martim. *A expressão do poder em Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. Rio de Janeiro: UFF-FCRB: MEC-Departamento de Assuntos Culturais, 1973.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição comentada. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980

DOSSE, F. *A história à prova do tempo: da História em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 2001.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

RODRIGUES, Antônio Medina. *Roteiro de leitura: Soneto de Luís Vaz de Camões*. São Paulo: Ática 1998

SARAIVA, Antônio José. *O crepúsculo da Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1995.

UFRGS – Instituto de Letras. *Excertos da obra “O Príncipe” de Nicolau Maquiavel*, 2000. Disponível em: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/principe/index.html. Acesso em: 15 de setembro de 2008.